

FLORESTAN FERNANDES: REFORMISTA OU REVOLUCIONÁRIO? UMA ANÁLISE SOBRE O ENSAIO “PADRÕES DE DOMINAÇÃO EXTERNA NA AMÉRICA LATINA”

Eder Fernando dos Santos

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista - UNESP - campus de Marília-SP. GT-7: Intelectuais, Sociologia e Educação: perspectivas sobre a política e a cultura no Brasil.

Resumo: O presente artigo pretende expor resumidamente o ensaio intitulado “Padrões de Dominação Externa na América Latina” de Florestan Fernandes, que foi escrito entre 1969 e 1970, e apresentado em uma conferência pública na universidade de Toronto no Canadá. Três anos depois é publicado no livro “Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina”. Na sequência, através das contribuições de Barbara Freitag, sobre sua teoria da ruptura teórica de Florestan, a qual, o mesmo abandonaria os métodos das correntes, positivista de cunho durkheimiano e o funcionalismo histórico de Mannheim, passando então, a ser adepto do método, materialismo histórico e dialético de Karl Marx. Assim, a relevância em escolher o ensaio em questão, é justamente pelo fato que Freitag, irá defender em sua tese, que, é exatamente no ano de 1968, que Florestan Fernandes adota essa postura marxista em seus escritos. Nesse sentido, iremos analisar e problematizar a questão do marxismo presente no ensaio.

Palavras chave: Florestan Fernandes; Dominação Externa; Marxismo

Abstract: This paper aims to summarize and expose the essay “Padrões de Dominação Externa na América Latina”, by Florestan Fernandes, written during the years of 1969 and 1970, and presented at first in a public conference in the University of Toronto, Canada. Three years later, it was published in a book by the same author, entitled “Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina”. Following this, through the writings of Barbara Freitag and her theory of Fernandes’ abandonment of the methods of Émile Durkheim’s positivism and Mannheim’s historical functionalism, turning to Karl Marx’s historical and dialectic materialism, comes the reason for choosing the mentioned essay. Because Freitag defends in her thesis that it is exactly in the year of 1968 that Florestan Fernandes takes up a Marxist tone in his writings, we intend to analyze and discuss the presence of Marx’s ideas in Fernandes’ essay.

Keywords: Florestan Fernandes; Extern Domination; Marxism

Introdução

O ensaio em análise foi escrito por Florestan, na perspectiva de trazer à tona assuntos que eram referente as crises econômicas que abalavam e abalam até hoje as estruturas das so-

iedades latino-americanas. O autor não pretendia esgotar esse tema, por isso, escreveu de maneira sintetizada o panorama histórico que leva a América Latina à dependência¹ dos países imperialistas hegemônicos.

Florestan, traz em seu arcabouço teórico, um cabedal riquíssimo das ciências sociais e políticas, permitindo então, a construção de argumentos lógicos que contribuíram e contribuem para a história do pensamento social brasileiro e para a própria ciências sociais em geral. E, uma dessas correntes teóricas que iremos trazer para a discussão, é o “marxismo” nos escritos de Florestan, visto que, atualmente há um grande debate acerca do marxismo presente em suas obras, justamente pelo autor ter transitado por outras correntes distintas, ou às vezes opostas, ao marxismo², gerando certas inquietações em alguns estudiosos de Florestan Fernandes em relação aos métodos utilizados pelo mesmo. Assim, seguiremos com a exposição do ensaio apontando algumas lacunas que evidenciam ou não, o posicionamento ideológico de orientação marxista em seu texto.

No ensaio, segundo Fernandes (1973), um certo tipo de colonialismo que se modernizou e agiu de maneira organizada e sistemática orquestrou a expansão dos costumes ocidentais na América Latina. O início desse colonialismo é identificado com as conquistas dos espanhóis e portugueses sobre terras latino-americanas, auferindo complexidade em seu sistema quando esses países conquistam a emancipação dentro de seus territórios. Portanto, para Florestan Fernandes a América Latina não passa de produtos dessas expansões.

A priori, o cerne dessa problemática perpassa por dois pilares de sustentação; o primeiro, é atribuído a evolução do capitalismo. Nesse sentido, Florestan atenta para uma problemática que está presente nos escritos de Marx, tal qual, dirá que, capital é o mesmo que “[...] o poder de governo sobre o trabalho e seus produtos.” (MARX, 2010, p.40), assim sendo, uma maneira de dominação atestada pelo autor; o segundo pilar de sustentação é a inépcia dos países latino-americanos de não barrar a inclusão dependente do capitalismo na economia, cultura e política dos respectivos países capitalistas hegemônicos. Desse modo, quando a natureza do capitalismo na Europa e Estados Unidos ocorriam mudanças, conseqüentemente “[...] novos padrões de

¹ O tema da dependência foi amplamente debatido nos anos 1960, com grande participação da CEPAL e de vários autores como Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, Theotonio dos Santos, André Gunder Frank, entre outros.

² No ano em que completa 20 anos de seu falecimento, ocorrem inúmeros eventos com o intuito de discutir e avaliar a obra desse grande sociólogo. Assim, várias interpretações são retomadas, como o discutido nesse texto e disseminado na literatura especializada sobre a ruptura paradigmática, como também, a ideia de um “ecletismo bem temperado” (COHN, 1987) aparece com vivacidade nas discussões atuais.

dominação externa surgiam inexoravelmente. ” (FERNANDES, 1973, p.11), tanto, que resultava na absorção desses modos de organizações capitalistas da economia e da sociedade em voga.

Então, o sociólogo irá fazer a discussão acerca de dois pontos cruciais, primeiro; sobre a nova configuração de imperialismo e a sua propagação sob a preeminência de uma superpotência capitalista e o segundo; como enfrentar o imperialismo no período das empresas corporativas na fase do capital monopolista, ou, como diria Lenin, na fase superior do capitalismo (LENIN, 1917) e também, “[...] da dominação por parte de uma nação americana, dadas as debilidades econômicas, socioculturais e políticas predominantes, mesmo nos países mais avançados da América Latina.” (1973, p.12). Ao nosso ver, esses dois últimos pontos, são os mais importantes para o nosso debate.

As diferentes configurações da dominação externa

Colonialismo

Os principais requisitos que sustentou por aproximadamente trezentos anos o sistema básico de dominação dos países latino-americanos foram: “[...] os requisitos econômicos, culturais e políticos [...]” (1973, p.13) do sistema colonial. Assim, a dominação adquiria perante as regras jurídicas um caráter político e legal. Por outro lado, os colonizadores eram submetidos aos anseios das Coroas de Portugal e Espanha, servindo-as, como vassallos e dedicando obediência e fidelidade³. Entretanto, ao passo do tempo esse modelo sofre algumas interrupções entre as partes envolvidas, as Coroas passaram a demonstrar interesses pelas terras dos colonos, e esses, a agir conforme os seus interesses.

Também, em aspectos sociológicos, a legalidade da dominação em termos jurídicos requiritava uma ordem social entre os interesses das Coroas e dos colonizadores. De modo que, fosse preservado institucionalmente e garantindo os padrões ibéricos do arcabouço social, ajustados nos trabalhos forçados dos nativos e à escravidão, produzindo uma legítima sociedade colonial, permitindo apenas os colonizadores participarem das composições existentes de poder, logo, a dominação colonial “[...] adquiriu o caráter de exploração ilimitada [...]”. (1973, p.13).

³ A mesma relação entre o conceito de opressor e oprimido em Marx.

Para Florestan (1973), três fatores foram determinantes para a crise nesse modelo de dominação. O primeiro fator foi o modelo de exploração colonial, que era intrínseco ao esquema político e legal de dominação externa.

Assim, os sistemas de economias de Portugal e Espanha não eram fortes suficientes para suportar o financiamento das atividades mercantis atrelados aos fatores das colônias. Para tanto, que Holanda e Veneza⁴ subsidiavam o capital, a tecnologia, o equipamento e a base comercial do mercado internacional. Esse fator gerou um esquema rígido para os agentes nas colônias latino-americanas. No Brasil refletiu na produção do açúcar, no qual, “[...] o produtor colonial retinha um lucro bruto que variava de 12 a 18%, a Coroa retinha entre 25 a 30% e os holandeses recebiam os saldos (lucros produzidos pelo financiamento, transporte, lucros da refinação do produto e da comercialização nos mercados europeus).” (1973, p.14).

Concomitantemente, os movimentos emancipatórios começaram a surgir, e os dirigidos ligados às Coroas, visto que, a luta pela independência aniquilaria esse esquema radical de exploração e os privilegiados da economia colonial atingiriam a autonomia econômica.

O segundo fator, é a luta pelo mando econômico das colônias latino-americanas na Europa, tendo à frente Inglaterra, Holanda e França, no final do séc. XVIII e início do XIX, isso acarretou em mudanças nos setores da política, economia e cultura que refletiram na derrocada das potências⁵ comerciais que controlavam o velho sistema colonial, ao mesmo tempo em que os movimentos pela emancipação nas colônias eram crescentes por serem vítimas da solidez do antigo sistema colonial. E, por fim o terceiro fator que, seria considerar os lócus das populações coloniais como, os moradores das cidades e vilas de várias descendências que se identificavam com a nativização do poder, e que, foram indispensáveis para inflar o movimento pela emancipação até derrotarem a exploração externa do antigo sistema colonial.

Neocolonialismo

Um segundo modelo de dominação externa surgiu devido a degradação do antigo modelo, facilitando o controle para aqueles países que conquistavam o núcleo do mercado externo e de importação nas colônias latino-americanas. No final do séc. XVIII, a Inglaterra estava inicialmente de olho no comércio, perdurando por quase cinquenta anos após o vácuo econômico adquirido pela fragmentação do velho sistema colonial.

⁴ Núcleos do capitalismo mercantil

⁵ Espanha e Portugal

Para Florestan (1973), este pequeno período em que esses países dominaram, apenas o mercado nas ex-colônias, abriu espaço para falar em neocolonialismo, pois, a dominação externa teria adquirido característica indireta, no qual, a monopolização dos mercados da América Latina ocorria ao acaso ao invés de obrigação, pois, havia interesse de alguns setores sociais influentes das ex-colônias em continuar exportando os seus produtos, mas, não havia recursos para tal, forçando a importação para que pudesse continuar no mercado. Sendo assim, os produtores de bens primários lucrariam mais em relação ao antigo regime colonial e davam os primeiros passos para a internalização de um mercado voltado ao capitalismo moderno⁶. Todavia, o efeito dessa dominação era a manutenção do *status quo*⁷, e, esses setores sociais acabaram optando por um papel econômico secundário, voltando as raízes estruturais do antigo regime colonial.

Imperialismo

O terceiro modelo de dominação externa, foi ocasionado pela revolução industrial na Europa, fazendo com que o modelo de economia mundial se reorganizasse. Também, o neocolonialismo teve um fator importante na industrialização europeia, ele possibilitou que algumas nações europeias e principalmente a Inglaterra acumulasse capital. E, na quinta década do séc. XIX a dominação externa vigente é a imperialista, dentro desse modelo de dominação é que nasce o capitalismo dependente nos países latino-americanos. Dessa forma, está é uma grande sacada de Florestan, que irá se debruçar ferrenhamente para desvendar essa imagem da América Latina, sendo perceptível como ele propõem em ir para além do problema, para apresentar o todo, implicando na exposição do passado histórico à procura de soluções, talvez aqui seria um ponto interessante entre a ciência e a ideologia de Florestan.

Em suma, esses processos econômicos do capitalismo dependente, tornaram-se mercadorias negociáveis a milhas de distâncias, também, uma atividade altamente lucrativa, vide o caso da Inglaterra, que passou a investir todas atividades econômicas nos setores da especulação imobiliária, produção de transportes, saúde, ensino, dentre outros.

Entretanto, nesse modelo imperialista é possível identificar o lado negativo em dois níveis. O primeiro, atrelado à estrutura obsoleta do esquema de importação/exportação adjunto a dependência externa da estrutura econômica, fundamentais à produção de matérias primas e

⁶ Em linhas gerais, organizou as empresas, acumula capital e compra força de trabalho.

⁷ Manter o estado atual das coisas.

bens primários. O segundo nível, é o fracasso do modelo de desenvolvimento que foi copiado pela burguesia emergente dos europeus. Em síntese, nunca houve uma integração das economias dependentes, todo excedente econômico era transferido para os países hegemônicos.

Mediante a trajetória dos europeus na América Latina, que foi do colonialismo, passando pelo neocolonialismo, até chegar ao imperialismo, encerrou seu ciclo contribuindo para a criação do “[...] burguês complacente⁸, o equivalente histórico latino-americano do *‘bourgeois conquerant’*”. (1973, p.18)

Capitalismo corporativo

Ainda, temos o quarto tipo de dominação externa exposto por Florestan, esse padrão é recente e surge com a expansão das empresas corporativas que se instalaram na América Latina. Além disso, com um novo modelo de organização, essas empresas instauram o “[...] capitalismo corporativo ou monopolista [...]” (1973, p.18). Desse modo, é importante ressaltar que essas empresas forçaram um novo estilo de organização antagônico ao do velho sistema colonial, no qual, o controle externo abre espaço para um mercado capitalista moderno com tecnologias avançadas, além, de resultar na dominação compartilhada, tendo os EE.UU.⁹ como superpotência, bem como outros países europeus e o Japão como corporações menores, porém, hegemônicas no quesito poder. Também, mesmo que os países latino-americanos tenham avançado acerca da modernização, é perceptível que os mais adiantados sentem falta de requisitos básicos para o crescimento de suas bases econômicas, sociais e culturais de modo autônomo.

Outro fator gerado por esse novo modelo imperialista, constata que em uma economia de caráter dependente, a burguesia não tem estruturas para conter a nível nacional os setores dominantes das altas classes, bem como o atraso e suas consequências, acabando com o sonho de uma revolução industrial liderada pela burguesia nacional, para Florestan, uma nova roupagem do capitalismo

[...] da burguesia nacional e interdependência internacional das economias capitalistas está sendo reconstruída, para justificar a transição e para criar a nova espécie de ideologia e utopia burguesas dependentes. (FERNANDES, 1973, p.19).

⁸ Adj. Desejo de agradar, servir, de ser cordial, no pejorativo: Governo de corruptos.

⁹ Estados Unidos da América.

Nesse sentido, percebemos que há um certo descontentamento de Florestan em relação a burguesia, que outrora acreditava que seria a saída para os problemas de economia, política e cultura, entretanto, em “Nós e o Marxismo”, texto que originalmente foi escrito em 1987, o autor, dialoga com mais afinco em prol da teoria marxiana, o autor dirá sobre esse mesmo assunto à seguinte questão:

De outro lado, o que sobressai, de todo o quadro, é a vulnerabilidade da “transformação capitalista” na periferia. O que podem prometer as classes burguesas quando elas estrangulam a sua revolução, se elas não são capazes de oferecer às outras classes as condições de liberdade intrínsecas à existência do capital e à exploração do trabalho como mercadoria? Que confiabilidade ou “aliança”, mesmo precária, podem elas obter quando a ordem que representam aprisiona o “trabalhador livre” a um odioso cativo sob chibata da miséria, da espoliação desenfreada e da crueldade? (FERNANDES, 2009, p.22).

Por fim, Fernandes conclui que os quatro modelos de dominações externas, foram o próprio fundo histórico e de continuidade sociocultural, nesse sentido, alguns países da América Latina é que conheceram todas essas formas de dominação, no caso, Argentina, Brasil, Uruguai, México e Chile. Esses países só atingiram os dois últimos modelos de imperialismo, por conta do desenvolvimento econômico e pelo modelo do poder eficaz, que foram utilizados por suas burguesias, de modo que, possibilitou a transação no cenário econômico mundial.

Portanto, a barreira que os países latino-americanos têm que superar, é a barreira da retenção e distribuição da riqueza, para daí em diante obter “[...] uma verdadeira economia capitalista moderna.” (1973, p. 20).

O Novo Imperialismo e a Hegemonia dos Estados Unidos

Segundo Florestan (1973), acerca da nova fórmula do imperialismo, o que está no cerne desse procedimento são as grandes empresas corporativas, logo, o capitalismo monopolista. Sob esse novo sistema, é clarividente os apontamentos do autor, acerca da reviravolta ocorrida em relação as mudanças na organização do controle financeiro, na cultura, relacionado aos padrões de consumo e até mesmo nas revoluções tecnológicas de produção que acarretou em novos moldes burocráticos.

Mas, foi no âmbito político que a dinâmica do capitalismo foi decisiva, pois, doutro lado havia uma economia socialista que ameaçava a efetivação do mesmo, essa economia possuía praticamente os mesmos padrões tecnológicos que acelerava sua produtividade, deixando no mesmo patamar que a do capitalismo.

E, após a segunda Guerra Mundial, as principais economias capitalistas da Europa, América e Ásia, juntaram-se para se defender da “ameaça” socialista que poderia colocar em risco o capitalismo privado, culminando numa violenta luta pela permanência do capitalismo. Ainda, nesse cenário político, os EE.UU. se mostra hegemônico¹⁰ em relação as outras potências capitalistas¹¹, e as financiam para o “[...] fortalecimento dos ‘interesses privados’, isto é, do capitalismo.” (1973, p.21).

Na América Latina, a tentativa de experimentar o modelo levemente próximo com o da revolução burguesa ocorrida na Europa foi falha. Assim, esse novo modelo de imperialismo tornou-se maligno para o progresso das nações latino-americanas, por não possuírem condições de auto sustentarem seus avanços na economia nacional e na industrialização acelerada. Mas, no período em que as potências capitalistas externas decaem¹², os países latino-americanos veem oportunidade de se expandirem internamente. Desse modo, algumas nações da região conseguiram desenvolver indústrias básicas, no Brasil, é válido lembrar da industrialização¹³ ocorrida durante a era Getúlio Vargas.

Nesse sentido, o processo de dominação imperialista em sua totalidade, não é um feito dos EE.UU, entretanto, foram os pioneiros no caso, devido às consequências de sua atuação no processo de acumulação e expansão de sua economia dentro das nações latino-americanas, por conseguinte, a hegemonia dos norte-americanos tornou-se algo ameaçador e insopitável para as nações latinas, forçando a inclusão desses países “[...] ao espaço econômico e sociocultural dos EE.UU [...]” (1973, p.24), na qual, empresas corporativas são incumbidas de reger o controle de praticamente todos os setores¹⁴ dessas sociedades, portanto, na ótica de Florestan, as nações latino-americanas estão sendo reavidas sob os interesses e valores norte-americanos e finaliza dizendo, que a alternativa para esses problemas seria a *realpolitik*, conceito alemão baseado na diplomacia prática em conjunto com noções ideológicas, para sanar os problemas acerca das políticas externa.

O dilema latino-americano

¹⁰ Consequência da expansão de empresas corporativas pelo mundo.

¹¹ Inglaterra, França, Alemanha e Japão.

¹² Conexão com I Guerra Mundial, Grande Depressão e II Guerra Mundial.

¹³ No Estado Novo, Vargas investiu na indústria de base, ampliou o crescimento interno conquistado através da exportação e por intermédio de norte-americanos criou a CSN (companhia siderúrgica nacional).

¹⁴ Financeiro, educacional, pesquisas científicas, inovação da tecnologia, meios de comunicação em massa, forças armadas e até mesmo o próprio governo.

Sobre as nações latino-americanas, Florestan, argumentará sobre as duras realidades que os mesmos enfrentam. Nesse sentido, dois pontos são cruciais: Primeiro, a absorção das variações do sistema capitalista no âmbito de suas “[...] estruturas econômicas, políticas e sociocultural [...]” (1973, p. 26), que, dificultam o desenvolvimento autônomo e a integração desses países. Segundo, a modernização e o crescimento que a dominação externa exerce nas fases mais adiantadas do capitalismo, entretanto, barram uma possível revolução e a autonomia real nesses países.

Dessa forma, como os países da América Latina atingiriam, a integração nacional e a autonomia nos setores da economia, política e setores sociocultural, por intermédio do capitalismo em conjunto com o imperialismo dos norte-americanos? Assim, Florestan, em meio a esse debate, não acredita ser possível transformar os setores carentes dos países latino-americanos, enquanto, estiverem a mercê do capitalismo dependente.

Portanto, esse novo exemplo de imperialismo promete um crescimento veloz do curso internacional do capital e, por conseguinte a exploração também é elevada, devido a estrutura do mesmo.

Por outro lado, os países latino-americanos bem como as superpotências, acreditavam que através do novo modelo imperialista seria possível adaptar o desenvolvimento seguro para as duas partes.

O fato é,

O que hoje é um processo econômico controlado do exterior e do interior pelos interesses privados, pode transforma-se rapidamente num processo político incontrolável. Essa sempre tem sido a lição da história, nas transformações que levaram do colonialismo ao capitalismo e ao socialismo. Os dois períodos de imperialismo foram e são valiosos para a emergência de uma consciência social crítica, do radicalismo político e da revolução social, dentro da ordem ou contra ela. (FERNANDES, 1973, p.31)

Sobre esse ponto, entendemos que não é plausível na perspectiva socialista ou marxiana, a possibilidade de se fazer uma “revolução dentro da ordem” como ele aponta. Isso seria o mesmo que uma reforma, uma vez que, revolução nos termos marxista é mudança brusca da ordem/sistema.

Diante desse panorama, Florestan conclui que só duas alternativas seriam críveis de êxito no desenvolvimento seguro dos países da América Latina, a primeira via seria por intermédio do nacionalismo revolucionário. Dessa forma, os países latino-americanos conseguiriam ajustar à um novo tipo de capitalismo de Estado que agiria diretamente nos setores carentes,

aumentando o desenvolvimento econômico. Nesse sentido, a saída seria o reformismo, mudando apenas alguns setores, ficando claro que nesse ponto ele não propõem nada além de uma verdadeira revolução.

A segunda via é por intermédio da revolução popular com base no socialismo, o qual, ele acredita abrir caminhos para a libertação real dos países latino-americanos.

Ambas saídas poderiam iniciar novos ciclos em direção da evolução da América Latina livres e independentes.

Considerações finais

Sobre as obras de Fernandes, é totalmente considerável pararmos para refletir acerca dos métodos que não se engendram e que foram utilizados por ele para se fazer ciência. Nesse sentido, Freitag faz um estudo cronológico das situações ocorrida na vida de Florestan, e que talvez tenha mexido com a ideologia do mesmo, e por isso, o apreço por Marx se aflorou em Fernandes.

Assim, Freitag (2005) irá classificar a trajetória acadêmica e política de Florestan, em duas fases, sendo a primeira; “acadêmico-reformista” antes do AI-5 em 1968 durante a ditadura militar no Brasil, e a segunda, “político-revolucionária”, pós AI-5.

Na primeira fase, a autora destaca que Fernandes, recorria demasiadamente as orientações teóricas de Durkheim, Weber, Mannheim, Freyer e Radcliff Brown. E, que girava em apenas três eixos de estudos, sendo eles, a importância da sociologia, o índio brasileiro e um estudo pormenorizado da realidade local.

Já, na segunda fase Freitag, identifica uma adequação ao método do materialismo histórico e dialético, baseando-se em autores como Marx, Engels e Lenin. Também, teria mudado o seu foco de estudo, se debruçando em temas como guerrilha urbana, revolução cubana e ditadura militar no Brasil e América Latina.

Logo, partindo da lógica de Barbara Freitag, sobre Florestan e sua ruptura teórica, concluímos: concordamos em partes, pois o ensaio analisado deixa indícios claros de que Florestan, embora, apoiado no método do materialismo histórico dialético, ainda fazia o uso dos métodos da denominada primeira fase, destacada pela a autora e evidenciado nas conclusões de seu ensaio no momento em que, aponta duas saídas para o problema da América Latina. E, é na primeira delas que está presente os vícios metodológicos de sua primeira fase, acreditando que

uma reforma solucionaria os problemas culturais, políticos e econômicos dos latino-americanos. Assim, caindo por terra o que Freitag, defendeu, Fernandes não deixou de usar os métodos de sua primeira fase. Ainda que, o autor se mostre carregado de métodos contrários ao materialismo histórico, que é o que vem causando impacto em alguns estudiosos de Florestan, respeitamos inteiramente a trajetória desse, que é um dos mais importantes intelectuais do Brasil, contribuindo com diversos temas relevantes para as ciências sociais, por isso, acreditamos ser de extrema importância o estudo das obras de Florestan Fernandes.

Referências

COHN, Gabriel. O ecletismo bem temperado. In: D'INCAO, M. A. (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 157 p.

_____. *Da guerrilha ao socialismo: A revolução cubana*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 352 p.

_____. *Nós e o marxismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 64 p.

FREITAG, B. Florestan Fernandes: revisitado. *Estudos Avançados*, 19 (55), p. 230 – 243, 2005.

IANNI, O. *Florestan Fernandes: Sociologia crítica e militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2004. 512 p.

LENIN, V.I. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Moscou, 1917. Tradução Editorial Avante, Lisboa 1984. Disponível em: <http://marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>> Acesso em 10 jan. 2015.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos; tradução, apresentação e notas RANIERI, J.* 4 ed. São Paulo: Boitempo, 2010 – (Coleção Marx-Engels)

NETO, J. P. *Introdução ao método de Marx*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 64 p.